



IX CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

Portugal, território de territórios

ÁREA TEMÁTICA: Arte, Cultura e Comunicação [ST]

LIDERANÇAS POLÍTICAS NO CINEMAⁱ

CHAIA, Vera

Doutora em Ciência Política, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, vmchaia@pucsp.br

Resumo

O cinema brasileiro possui uma produção pequena de filmes que reproduzem a história dos governantes. Somente nos anos 1970 é que começou a produção, de maneira mais sistemática, de filmes que buscam compreender a ação desses políticos nos períodos em que governaram o Brasil. Para o presente trabalho iremos aprofundar a análise do ex-presidente João Goulart (Partido Trabalhista Brasileiro), que foi destituído pelo golpe de militar de 1964 e o ex-presidente Tancredo Neves (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) eleito indiretamente pelo Colégio Eleitoral em 1985, porém morto antes assumir o cargo.

Abstract

Brazilian cinematography has few films that reproduce the rulers' history. The production of films that try to understand these politicians' actions during their time governing Brazil started more systematically only in the 1970's.

For this work we will deepen the analysis of former President João Goulart (Brazilian Labor Party), who was ousted by the military coup of 1964, and former President Tancredo Neves (Party of the Brazilian Democratic Movement), indirectly elected by the Electoral College in 1985, but dead before taking office.

Palavras-chave: Liderança política; Cinema; Imagem; Brasil.

Keywords: Political leadership; Movie theater; image; Brazil

[COM0559]

Introdução

O cinema brasileiro possui uma produção pequena de filmes que reproduzem a história dos governantes. Somente nos anos 1970 é que começou a produção, de maneira mais sistemática, de filmes que buscavam compreender a ação desses políticos nos períodos em que governaram o Brasil. Geralmente, os filmes ou são laudatórios, por exaltarem a figura do governante, ou são críticos, por apresentarem determinados presidentes e lideranças por meio de suas características negativas.

A presente proposta de comunicação tem como objetivo aprofundar o tema das lideranças políticas, agregando uma nova dimensão, desta vez dada pelo estudo da mídia audiovisual que repercute largamente no âmbito da sociedade contemporânea. Dessa forma, propusemos analisar a construção cinematográfica das imagens de presidentes e lideranças políticas do Brasil veiculadas amplamente por inúmeros filmes produzidos no país.

O enfoque da pesquisa considerou as múltiplas facetas que encobrem as atividades políticas dos governantes no âmbito do poder executivo e de outras lideranças políticas que se destacaram no cenário político brasileiro. Considerando a diversidade do campo de atuação política desses governantes, o estudo se norteou por uma ampla tipologia de ações que se constrói a partir das questões do significado da liderança, passando pelas condições de emergências de crises e escândalos até chegar à exaltação do personalismo político. Interessou também estudar e detectar nos filmes a construção de determinadas imagens que se confrontam com os discursos políticos proferidos por tais lideranças.

A dimensão política do cinema explicita-se quando elege como tema de seus filmes de ficção e/ou documentários as lideranças políticas, criando e disseminando determinadas perspectivas que abordam os governantes do país, construindo imagens públicas que passam a fazer parte do imaginário político.

Para Balandier, o poder não se mantém somente pela força física:

O poder estabelecido só pela força, ou sobre a violência não domesticada, teria uma existência constantemente ameaçada; o poder iluminado apenas pela luz da razão teria pouca credibilidade. Não consegue manter-se nem pela autoridade brutal, nem apenas pela justificação racional. Não se faz nem se mantém senão pela transposição, pela produção de imagens, pela manipulação de símbolos e sua organização num quadro cerimonial. (Balandier, 1999, pp. 21-22; grifo da autora).

Nesse sentido, o autor acredita que: “A imagem pode ser produzida por tudo e estar presente em tudo; ela abunda, alastra” (Balandier, 1999, p. 127).

... o político se transfigura em “místico”...; o mito, o símbolo, o rito, os mais elevados valores coletivos e as emoções que os assistem têm aí como que a função de unir criando (ou tentando criar) uma solidariedade superior e generalizada, de mobilizar, orientando e fortificando a ação dos indivíduos e dos grupos aos quais eles pertencem. (Balandier, 1999, p. 142)

Nesse sentido, o cinema corrobora com o aparecimento do personalismo na cultura política nos tempos atuais, pois ele é marcado por uma série de concepções que influenciam a própria prática política. Deposita-se fé no indivíduo, como se essa autoridade pudesse resolver todos os problemas da nação brasileira. É valorizado o prestígio pessoal, a capacidade individual, como se um indivíduo fosse capaz de levar avante sozinho um projeto de governo.

No presente trabalho, aprofundar-se-á a análise do ex-presidente João Goulart (Partido Trabalhista Brasileiro), que foi destituído pelo golpe de militar de 1964, e o presidente Tancredo Neves (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) eleito indiretamente pelo Colégio Eleitoral em 1985 e que morreu antes assumir o cargo. Portanto, o trabalho deverá propiciar a construção de definição de lideranças políticas, para obter uma tipologia a partir dos filmes, documentários e ficções a fim de analisar a construção das imagens dos governantes e lideranças na produção cinematográfica brasileira.

A partir da filmografia *Tancredo – a travessia*, filme de Silvio Tendler (2013), e do documentário *Dossiê Jango*, de Paulo Henrique Fontenelle (2013), busca-se compreender como alguns governantes brasileiros são retratados em documentários em períodos conturbados, considerando que a normalidade democrática de troca de poder é relativamente nova na história do país.

1. João Goulart: da ascensão à morte no exílio

Para o estudo da liderança política de João Goulart, optou-se por recuperar o documentário *Dossiê Jango*, dirigido por Paulo Henrique Fontenelle.

O filme tem como objetivo lembrar o período em que João Goulart, presidente deposto pelo golpe militar em 1964, viveu no exílio e as circunstâncias nebulosas de sua morte.

As cenas reproduzidas no filme retratam o período democrático, o golpe e o exílio de Jango, contados por vários depoentes, incluindo políticos, jornalistas, escritores brasileiros, uruguaios e argentinos. Mas a figura central é a de seu filho João Vicente Goulart, que busca a verdade da morte misteriosa de seu pai.

A primeira frase que é citada no filme diz respeito à história, memória e verdade:

A verdade não pode ser inatingível. É preciso atingi-la, obrigatoriamente estabelece. Tudo o que pensamos ser verdade, um dia muda, e há coisas que mudam a História. Se alguém disser que sabe a verdade absoluta do que aconteceu no Brasil, desde 1964 até 2012, se disser que sabe, ou é um mentiroso ou um ingênuo. A História deve ser recuperada, porque não está recuperada. Pelo contrário, está oculta. Os silêncios são parte da ocultação da verdade. Por quê?

Imagem do presidente João Goulart, sentado em uma cadeira, e a informação divulgada no Congresso Nacional no dia 1 de abril de 1964: “O sr. presidente da república deixou a sede do governo. Assim sendo, declaro vaga a presidência da República”. O golpe militar estava configurado, com apoio de empresários e políticos de oposição ao seu governo. A destituição de João Goulart foi dada pelo presidente do Congresso.

O filme reconstrói a trajetória política de João Goulart (PTB – Partido Trabalhista Brasileiro) a partir da eleição de Juscelino Kubitschek (PSD – Partido Social Democrata), em 1955, eleito vice-presidente, com uma votação maior do que a do candidato à presidência. Lembremos que Jango havia sido ministro do Trabalho de Getúlio Vargas (1950-1954) com um desempenho importante para a classe trabalhadora, aumentando em 100% o salário mínimo daquele período. Foi uma época de grande desenvolvimento econômico, além de uma visão otimista dos brasileiros, que acompanharam a conquista da Copa do Mundo de Futebol, o surgimento da Bossa Nova e um crescimento de 11% ao ano.

João Goulart é reeleito vice-presidente de Jânio Quadros, candidato de uma coalização que englobava vários partidos, dentre os quais se destacava a UDN (União Democrática Nacional). Jânio renunciou em 25 de agosto de 1961 e João Goulart assumiu a presidência da república, após várias tratativas entre os setores conservadores e os militares, que consideravam Jango um político comunista e não confiável.

Somente após um longo confronto de setores que apoiavam Goulart, dentre eles, destaca-se Leonel Brizola, governador do Rio Grande do Sul, e os setores que se opunham à posse de Jango, que se implanta o parlamentarismo brasileiro, como uma maneira de cercear a atuação de João Goulart. O primeiro-ministro, que assumiu o cargo foi Tancredo Neves, político moderado do PSD. Após alguns meses, é realizado um plebiscito e o presidencialismo recebe ampla votação dos eleitores brasileiros. E com isso Jango conquista maiores poderes para governar.

Em 1962, ele inicia seu plano de governo, que inclui a implantação das reformas de base: agrária, tributária, fiscal, dentre outras.

Jair Krishcke, do Movimento de Justiça e Direitos Humanos – um dos entrevistados –, comenta que o golpe não era esperado e o que aconteceu foi a inauguração de uma nova época da doutrina da Segurança Nacional.

Jornal do Brasil estampa na sua manchete: “Goulart toma rumo desconhecido e o Brasil volta à normalidade”. A imprensa também exerceu um papel fundamental na articulação do golpe e na destituição do presidente João Goulart. Informava-se que o presidente deposto havia fugido para o Uruguai acompanhado de políticos que o apoiavam e que se opunham ao golpe.

No depoimento de João Vicente Goulart, filho de Jango, ele relembra o dia em que foram para o Uruguai:

As lembranças do Brasil são esporádicas, mas, nesse dia, por exemplo, a rotina mudou, naquele momento. Vimos malas prontas, a mãe correndo, um avião esperando. Mas é um dia que a gente relembra como um dia fora do dia a dia de uma família que estava no Brasil e foi arrancada do seu meio, dos seus amigos e, principalmente do seu país. Mas, pior do que as coisas materiais são as coisas que este país sofreu durante os anos da ditadura. O que nós não podemos perder é, sem dúvida alguma, agora, o conhecimento daquilo que existiu. Tanto é que, quando derrubam Jango, derrubam Jango pelo acordo de Pequim.

Quando Jânio Quadros renunciou, Goulart estava viajando para a China em missão diplomática e comercial, a mando do então presidente. Essa aproximação entre o Brasil e a China foi interpretada pelos setores conservadores como uma demonstração de que Jango era comunista, o que não era verdade. Ele era um político preocupado com questões sociais.

O que mais se ouviu nesse período foi à defesa da Constituição e da legalidade. Leonel Brizola, do PTB, foi o governador que organizou a Rede da Legalidade através do rádio, meio de comunicação essencial e importante naquele período.

O governo dos Estados Unidos estava preocupado com a política brasileira, que não poderia ir para a esquerda, conforme exemplo recente da Revolução Cubana. João Goulart recebeu a visita de Robert Kennedy, emissário do governo de John Kennedy. Uma das exigências era mudar seu ministério, mudar sua política econômica e sua política externa. Ele se recusou e se confrontou com os Estados Unidos. Lincoln Gordon era o embaixador nos Estados Unidos no Brasil e mantinha constantes conversações com o presidente sobre o governo de João Goulart.

O Congresso formaliza o golpe, depondo João Goulart, após os militares darem o golpe. Jango viaja do Rio de Janeiro para Brasília e de lá, aconselhado por seus aliados, parte para o Rio Grande do Sul. Ranieri Mazzili assume a presidência, com a conivência de Auro de Moura Andrade, então presidente do Congresso Nacional.

Cena de um avião da Força Aérea Brasileira levando a Goulart e a sua família para o Uruguai.

O Jango foi assassinado, primeiro quando foi exilado. E o exilado é um morto vivo, que sente que é jogado na beira da estrada, que lhe negam qualquer direito de acesso a qualquer coisa, mas ele sente, respira, é um morto que respira. E nesse respirar do Jango, Uma das grandes angustias dele era o total desrespeito daqueles que foram liderados seus, que procuraram se acomodar, ou, pelo menos não se comprometer, na convivência política com ele, salvo aqueles que estavam exilados, mas os que aqui ficaram se afastaram muito. Isso maltratava muito o dr João Goulart. (Entrevista com Cláudio Braga, assessor particular de João Goulart)

O filho de Jango comenta: “Com sua atitude de ir para o exílio e não resistir, hoje a história está dando a vitória a ele. Qual é a grande vitória de Jango? Preservou-se o território, que estava em risco diante de uma resistência, e, principalmente, preservou o povo brasileiro de uma guerra civil”.

Carlos Lacerda, inimigo declarado de Getúlio Vargas e de João Goulart, explica porque foi criada a Frente Ampla, em 1967, composta prioritariamente por ele, Juscelino Kubitschek e João Goulart. Segundo Lacerda, o que os une é: “Democracia e Progresso no Brasil”. Em 1968 foi baixado o Ato Institucional nº 5 e as poucas liberalizações foram eliminadas, prevalecendo uma ditadura com mais repressão.

Com a ditadura no Brasil, proliferaram outras ditaduras em países da América Latina: Uruguai, Chile, Paraguai, influenciando a Bolívia, e depois na Argentina. Depois da queda da democracia no Uruguai, o filho e a mulher de Jango foram presos e ele mesmo foi perseguido. Com a vitória de Juan Perón na Argentina, João Goulart e sua família foram convidados para se mudarem para lá, segundo o depoimento de Denize Goulart, sua filha. Logo depois veio o golpe militar na Argentina.

Começa, em 1974, a Operação Condor, que englobava a atuação das Forças Armadas do Chile, do Brasil, da Argentina e do Uruguai, agindo para eliminar inimigos das ditaduras militares, incluindo Jango e sua família, que, por conta disso, tiveram de se mudar para Paris a fim de fugir das ameaças de sequestro de seus filhos.

Foram mortos, naquela ocasião, o general Carlos Prats, vice-presidente deposto do Chile, e sua esposa, vítimas de um atentado. Orlando Letelier, ex-ministro da defesa do Chile também foi assassinado.

Rafael Michelinei, senador do Uruguai comenta, no documentário, o que foi o Plano Condor. Foram assassinados na Argentina em maio de 1976, o seu pai, Zelmar Michelinei, senador cassado do Uruguai, e Gutierrez Ruiz, deputado cassado do Uruguai, amigos de Goulart. Também foi assassinado o general Juan José Torres, presidente deposto da Bolívia, de linha progressista.

Após esses assassinatos, Jango recebeu uma informação de que ele seria o próximo líder a ser assassinado e seus filhos sequestrados.

Depoimento de Jair Krischke: *“João Goulart, no mês de setembro, recebeu um aviso do chefe de polícia de Buenos Aires, dizendo: ‘Até aqui, dr. João Goulart, nós mantivemos a sua segurança. Daqui pra frente, não posso mais lhe garantir nada’”*.

Jango planejava voltar ao Brasil. Segundo o jornalista Geneton Moraes Neto:

Há um relatório do SNI (Serviço Nacional de Informações), produzido em agosto de 1976, um relatório confidencial, que diz o seguinte (Imagem da cópia do documento): “Em Paris, pela obsessão da volta e das perspectivas que lhe estão criando no Rio Grande do Sul, João Goulart mostrou-se inclinado a regressar ao Brasil. Ao lhe ser ponderado que conviria, antes de adotar tal decisão, o reexame da questão, respondeu que seu propósito de retorno está admitido, em princípio, sem haver uma resolução definitiva”.

Jango havia sido cassado por dez anos e, em princípio, era livre para voltar ao Brasil. Mas havia um aviso claro dos militares, caso voltasse, seria preso e ficaria incomunicável. Naquele período, Goulart tinha um encontro com o seu amigo e piloto Manoel Leães, que havia sido procurado por um emissário representando os militares, mas, quando ele se dirigia à Argentina, soube que Goulart havia sofrido um infarto e morrido.

Jango, que era cardíaco, depois de tomar um comprimido para o coração, teve um infarto e morreu em dezembro de 1976.

O caixão, com o corpo do Jango, foi levado ao Brasil por um barco e depois que chegou à Uruguaiana, seu féretro foi acompanhado por militares. No cortejo entre Uruguaiana e São Borja havia pessoas acenando com lenços brancos e faixas com os dizeres: “Jango continuará conosco”. Cenas do velório e enterro do presidente João Goulart.

Artigo do jornalista Carlos Castello Branco: “Proibido de entrar no Brasil, sem direito a viver no Uruguai, morreu na Argentina, como um peão em busca do galpão, o ex-presidente do Brasil”.

Brizola também se manifesta:

Ele morreu onde não queria morrer, no exílio. Se há um que não queria morrer no exílio era o Jango. Desculpem, mas, quando eu falo em morrer, eu lembro de uma dúvida que tenho. Dificilmente conseguirão tirar das minhas convicções esta dúvida. Eu acho que o João Goulart não morreu de morte natural. Como outros, daquela época. Foram vítimas de um plano terrorista dos grandes poderes mundiais que visavam varrer as lideranças autênticas da América Latina.

Miguel Arraes, exilado na Argélia, também falou, em entrevista, que João Goulart estava marcado para morrer.

Roger Rodriguez, jornalista uruguaio, comenta que Jango era considerado perigoso para os militares, por ser um líder e um presidente deposto.

Não foi o único presidente morto em 1976: “A morte de Juscelino Kubitschek, em um acidente de automóvel, surpreendeu o país” (agosto de 1976). Seu motorista abasteceu o carro num posto de gasolina de um brigadeiro criador do serviço de informação da aeronáutica. Acidente até hoje mal explicado.

Carlos Lacerda também morre em março de 1977. Ele estava gripado, foi a uma clínica, recebeu uma injeção e morreu. Morreram os três líderes da Frente Ampla.

Operação Andreia surge em Santiago do Chile, segundo João Vicente Goulart, que relembra que essa operação testava

dez venenos para aniquilar os inimigos que eles estavam montando, onde quer que eles estivessem. Esse laboratório é conduzido por um grande químico chamado Eugenio Berrios e que morreu depois, foi assassinado em Montevideu. No Projeto Andrea, eles desenvolvem dez venenos sob a responsabilidade do químico Eugenio Berrios e o Michael Townley, um agente recrutado pela CIA. Hoje vive sob proteção do governo americano. É ele, Michael Townley, que, na cara dos americanos, executa o Letelier, em Washington. Eles fazem um atentado contra o vice-presidente do Chile, em Roma, e terminam matando-o na França. Ou seja, não só bastava exterminar seus adversários dentro dos seus territórios, como também onde eles estivessem.

Outras entrevistas reforçam a ideia de que João Goulart era cardíaco e que houve uma troca de medicamentos, provocando o infarto, mas era muito difícil de se comprovar. Outros entrevistados reafirmam que ele foi assassinado e que seu corpo deveria ser exumado e examinado. As dúvidas persistem no filme e várias versões reforçam a necessidade de esclarecer essa morte. Não foi feita autópsia e o corpo de João Goulart foi colocado num caixão, vestido ainda de pijama. Todo o cortejo foi acompanhado pelo Serviço de Informação. Para averiguar a morte de Jango, foi aberta, no ano 2000, uma comissão parlamentar no Congresso.

Outro personagem importante nessa trama foi o Henrique Foch Diaz, uruguaio amigo do presidente, que procurou a viúva de Jango para falar que a morte dele não havia sido natural, que ele tinha sido assassinado. Henrique recebeu a procuração de Maria Thereza, viúva de Jango, para investigar o caso e pediu a exumação do corpo de Jango. A viúva retirou a procuração e foi acusada por Diaz de fazer parte do complô que mandou assassinar seu marido. Ele escreveu um livro *João Goulart – El crime perfecto*, relatando toda a sua investigação e aparece no documentário reforçando a sua posição de que Jango fora assassinado. O livro não foi autorizado no Uruguai, por ter sido acusado de haver roubado o presidente João Goulart. Em seu livro, ele denunciava a morte de 18 pessoas – 15 de coração e outras três por acidentes. O próprio Diaz também morreu de coração.

Miro Teixeira fez parte da Comissão que averiguava a morte de João Goulart e o relatório concluiu que ele morreu durante a Operação Condor.

Mario Ronald Barreiro Neira, um uruguaio preso no Brasil, foi entrevistado em 2002, por Roger Rodriguez. O preso falou que havia um complô para assassinar Goulart dentro da Operação Condor. João Vicente Goulart, jornalista que trabalhava no Senado brasileiro, entrevistou Mario Neira, que era do serviço de informações da polícia uruguaia e fez parte, segundo ele, “*de um conluio que acabou com a vida do seu pai*”, “*tudo que ele falava era monitorado*”. “*Nós sabíamos que havia trinta comprimidos e que um seria letal. Desse modo, eu me pergunto, por que um e não todos? É que não podem ficar comprimidos. Não poderia sobrar um comprimido para uma perícia. A morte do presidente estava decidida, através de um método*

encoberto”. A explicação da não realização da autópsia no corpo do ex-presidente é que o veneno permanecia no corpo durante 48 horas. Depois os vestígios dessa substância desapareceriam.

Segundo Roger Rodriguez, faltou confirmar a troca dos comprimidos do João Goulart. Todas as outras informações foram corretas. Ele levantou a possibilidade de um agente dentro do círculo íntimo do João Goulart ter feito a troca dos medicamentos.

Roger Rodriguez comenta que “*o Estado nunca decide abrir uma investigação formal sobre a morte de um presidente deposto?*”.

Imagens dos ditadores argentinos sendo condenados pelo governo democrático que derrubou a ditadura na Argentina em 1985. A justiça da Argentina está investigando a morte de João Goulart e faz parte do processo Verdade e Justiça, o qual exige que o Brasil faça a exumação do corpo para verificar a hipótese de envenenamento.

João Vicente fala indignado que o governo brasileiro não fez nada, não condenou militares, enquanto na Argentina o processo de anistia e a condenação dos militares efetivamente aconteceu: “*é de fundamental importância o conhecimento pleno daqueles que mataram, que torturaram, que lutaram, daqueles que resistiram. Porque, diga-se de passagem, a subversão se dá por aqueles que subverteram a Constituição, não por aqueles que lutaram contra a subversão da Constituição*”.

Pablo Andrés Vassel, promotor público argentino, afirma: “*Invariavelmente, a história nos demonstra que, quando se perde a memória e se oculta à verdade, os povos voltam a repetir as tragédias do seu passado*”.

O filme termina afirmando a necessidade de se investigar a morte misteriosa de João Goulart.ⁱⁱ

Roger Rodriguez afirma:

Enquanto o Estado brasileiro não tiver vontade política de investigar a sério o que aconteceu com João Goulart, não vamos chegar à verdade. Qual a razão dos segredos? Por que os documentos são segredo de Estado? A quem interessa esse segredo? O que não se pode saber? O segredo de Estado gera um Estado secreto. E esse Estado secreto gera histórias oficiais que ninguém pode desmentir... O silêncio é parte da ocultação da verdade.

Imagens do retorno de exilados políticos, a comemoração da elaboração da Constituição de 1988 e dos presidentes eleitos após 1989.

João Vicente Goulart: “*Tenho orgulho de ser filho de Jango. Tenho orgulho de ser filho daquele homem que se tornou o único presidente a morrer no exílio*”.

Para compreender o porquê da não averiguação da morte de João Goulart, deve-se lembrar que o processo de transição política foi negociado com a aquiescência dos militares. A corrente autoritária que governou o Brasil durante esse período se considerava portadora dos interesses gerais da nação brasileira e dava prioridade às questões técnicas. Acreditava e confiava na infalibilidade da representação profissional como a maneira mais adequada para promover a paz e a harmonia social.

No caso específico do Brasil, a questão da transição começou a ser discutida em meados dos anos 1970, com o processo de liberalização promovido pelo governo Geisel, entendida, de forma geral, como processo gradual rumo à democracia, com permanência de traços do regime anterior e criando condições de confrontos e lutas entre atores políticos diversos.

O denominado processo de abertura política coincide com a crise econômica gerada pelo endividamento do governo anterior – do general Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) – e pela crise internacional gerada pelo aumento do preço do barril do petróleo, associada à falência do “milagre econômico brasileiro”. Tal cenário gera conseqüentemente desemprego e até mesmo um estremecimento de relações entre a burguesia nacional e a internacional com o regime militar, diante do processo crescente de estatização.

O então presidente general Ernesto Geisel (1974-1979) preparava a saída dos militares do poder, de forma planejada, objetivando não prejudicar a imagem dos militares, evitando assim o que ocorrera em processos semelhantes em outros países da América Latina, onde a imagem dos militares sairia extremamente desgastada. Nesse sentido a transição do regime autoritário para o regime democrático foi negociada com os militares, que defendiam a anistia limitada e sem revanchismo.

1. Tancredo Neves, a travessia – direção de Silvio Tendler, em produção de 2010.

Cenas iniciais – peregrinação do povo na frente do Hospital do Coração, na cidade de São Paulo, em que Tancredo Neves estava internado. Rezas, cantorias, terços, imagens de santos. Também aparece a dona Risoleta Neves, mulher de Tancredo. Imprensa cobrindo o acontecimento. Verdadeiro espetáculo e ritual de passagem entre a vida e a morte.

Antonio Britto, porta-voz de Tancredo Neves, fala a todo o momento das condições de saúde do presidente, eleito pelo Colégio Eleitoral, mas não empossado, pois morreu antes. O último comunicado é da morte de Tancredo. Imagens do enterro e do caixão coberto com a bandeira brasileira. Populares chorando e o Hino Nacional sendo cantado por Fafá de Belém.

Imagem e fala de sua viúva e imagem de Aécio Neves, seu neto e herdeiro político. Enterro na cidade natal de Tancredo, São João Del Rey, em Minas Gerais.

Depoimento de Fernando Henrique Cardoso: *“Tancredo tinha uma visão de estadista. Ele não era um político banal”*.

Acompanhamos a narrativa da história de Tancredo Neves e imagens de sua cidade natal. Na avaliação do próprio Tancredo, ele era “conciliador, contemporizador, o paciente”. Ele era advogado e ocupou vários cargos políticos: vereador, deputado estadual, deputado federal, ministro da Justiça do governo de Getúlio Vargas, primeiro-ministro do governo de João Goulart, quando foi implantado o parlamentarismo, senador, governador de Minas Gerais.

O documentário reconstrói a história brasileira a partir de 1930, período tão falado e tão estudado. Em 1950 Getúlio Vargas retorna ao poder através do voto, depois de ter sido deposto em 1945. É a partir desse período que as trajetórias de Getúlio e Tancredo se cruzam. Em 1953 Tancredo é nomeado ministro da Justiça por Vargas. Em agosto de 1954, ele se encontra ao lado de Getúlio acompanhando a crise política instaurada naquele período e que irá culminar com o suicídio do então presidente.

Depoimento do Tancredo sobre Vargas:

O presidente sofreu a sombra das hostilidades dos interesses que ele contrariou em nome do Brasil e do povo brasileiro. A luta pelo salário mínimo, a luta pela nacionalização do trabalho brasileiro, a luta, sobretudo, para por em funcionamento das refinarias, a luta para manter a Petrobrás, tudo isso foi criando então, no governo do presidente uma atmosfera de muita pressão que os adversários aproveitavam com muita habilidade e com muita eficiência.

Getúlio, reconhecendo a lealdade de Tancredo naquele período difícil, o presenteia com a caneta que assinou a sua carta testamento e que foi divulgada depois do suicídio de Vargas ocorrido em 24 de agosto de 1954.

Reconstituição dos momentos que antecederam o suicídio de Vargas. Enterro do presidente e leitura da carta testamento. Fotos de Tancredo, Juscelino Kubitschek e João Goulart acompanhando o velório e o enterro de Vargas.

Trajetória de JK, os meses de Jânio Quadros e sua renúncia em agosto de 1961.

Em 1960 Tancredo é candidato, pelo PSD, a governador de Minas Gerais e é derrotado pelo banqueiro Magalhães Pinto, da UDN. Segundo Tancredo, ele perdeu a eleição por causa da dissidência que havia no seu partido.

Depois da renúncia do Jânio, ocorre uma negociação para que João Goulart, seu vice, assumira a presidência e Tancredo Neves foi um dos negociadores dessa volta e da posse de Jango. Tancredo é escolhido primeiro-ministro do gabinete parlamentarista e imagens da posse de João Goulart e de Tancredo.

Tancredo assume a defesa das reformas de base propostas por Jango e afirma:

O presidente da República em seu discurso de primeiro de maio, sugeriu o debate em torno de um tema de bastante interesse, qual seja, o de se atribuir poderes constituintes ao futuro Congresso para uma revisão limitada da nossa carta constitucional. O que é verdade é que vai, por todo o país, um clamor nacional pelas chamadas reformas de base. Sem que alteremos alguns dos dispositivos de nossa Constituição essas reformas dificilmente alcançarão os objetivos a que elas se destinam.

Tancredo participa de ato público pela reforma agrária.

Tancredo renuncia, em 1962, ao cargo de primeiro-ministro para concorrer ao cargo de deputado federal. O parlamentarismo é revogado por um plebiscito, e Jango adquire amplos poderes. No dia 31 de março, é deflagrado o golpe militar que derruba o presidente João Goulart e Tancredo permanece fiel ao presidente.

Recuperação dos últimos momentos de Jango no poder. Almino Afonso, político do PTB, comenta que foi um golpe de Estado dado pelo presidente do Congresso Nacional. Almino estava sentado na primeira fila com Tancredo e relata que este se levantou e chamou o presidente do Congresso de “canalha, canalha”.

Reprodução de manchetes de jornais e de manifestações contra o golpe.

Naquele período, pós-golpe militar, vários políticos foram cassados. O que o documentário levanta de dúvida é por que Tancredo não foi cassado? Fala do Tancredo:

*Eu fui amigo do presidente Castelo Branco (1964-1967), que tinha maior respeito, fui dirigido por ele na Escola Superior de Guerra onde nós estreitamos um bom relacionamento pessoal, mas não pude votar nele para presidência da República, e fui o único homem do PSD que não deu o seu voto ao presidente Castelo Branco.*ⁱⁱⁱ

Castelo não cassou o Tancredo por questões pessoais. Ele apoiou Castelo para ascender na carreira militar, segundo seu sobrinho Francisco Dorneles.

Tancredo compunha a ala mais moderada do MDB. Ele contemporizou, em vários momentos, com o regime militar, não radicalizando posições. Articula uma transição para a volta do regime democrático pacífica, sem revanchismos e sem radicalismos.

Com João Batista Figueiredo (1979-1985), é promulgada a Lei da Anistia. Assistimos a volta dos exilados políticos. Tancredo reforçou a ideia de que a única anistia que poderia ocorrer seria essa negociada com o regime militar.

Tancredo funda o PP (Partido Progressista) com Magalhães Pinto. Ele volta ao PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) por causa da legislação eleitoral que proibia as coligações.

Tancredo é candidato a governador de Minas Gerais. No discurso de posse ele afirma: “*O primeiro compromisso de Minas é com a liberdade. Não se deve ao acaso que esta praça e este palácio tenham a mesma denominação. Liberdade é o outro nome de Minas*”. O objetivo de Tancredo era derrubar o regime militar.

Dante de Oliveira, deputado federal do PMDB, propõe uma emenda para realização de eleições diretas para a presidência da República e funda o movimento das Diretas Já, que ganha espaço e apoio em vários setores da

sociedade brasileira. Imagens dos comícios e de manifestações populares. Música ao fundo: “Vai passar” de Chico Buarque e Francis Hime, de 1984.

Música de Milton Nascimento Wagner Tiso: “Coração de estudante” em 1983. Imagens de políticos e artistas que apoiaram as Diretas Já.

Tancredo sendo entrevistado: *“Eu luto pelas eleições diretas enquanto elas tiverem possibilidade de se viabilizarem. Eu estarei ao lado dos meus companheiros dando tudo que esteja ao meu alcance para que elas possam ser transformadas em realidade”*.

Tancredo, já prevendo a derrota da emenda parlamentar, articula outro plano: *“Se falhar as eleições diretas o PMDB vai ter que enfrentar uma nova realidade política: não comparecer ao Colégio Eleitoral, lançar mão de candidato, lançar um candidato de luta, lançar até um candidato de conciliação”*.

No dia 25 de abril de 1984 a emenda é derrotada, depois de 16h de votação no Colégio eleitoral: 368 deputados presentes, 298 deputados votam sim pelas diretas e 113 parlamentares faltam à sessão, três se abstêm e 65 votam não. Por apenas 22 votos à emenda é derrotada. A sessão da votação é mostrada no documentário.

Tancredo, depois da derrota das Diretas Já, se transformou no Plano B: concorrer via Colégio Eleitoral, para presidência da República. José Serra e Fernando Henrique Cardoso comentam a proposta de apoiar Tancredo na eleição indireta. Serra comenta que: *“Tancredo tinha esta capacidade de arregimentar forças do outro lado, era mais aceito do que Ulysses (Guimarães)”*. Ulysses seria candidato natural, mas Tancredo ganhou a escolha do PMDB. O que predomina agora é o jogo político, pois os atores lutam para a obtenção do poder. Os acordos são feitos por Tancredo e seus apoiadores.

Os militares também apoiam Tancredo. Fala de Tancredo: *“Mineiro radical não existe. Ser mineiro não é radical e se é radical não é mineiro, ainda que tenha nascido em Minas”*.

A oposição, com a criação da Frente Liberal, ganha os dissidentes do PDS, o que inviabiliza a candidatura de Paulo Maluf. Tancredo renuncia ao governo de Minas Gerais e começa sua campanha para a presidência do Brasil. O slogan da campanha de Tancredo é “Muda Brasil Tancredo presidente” e os comícios pró-Tancredo começam a serem realizados, visando obter apoio popular.

Os militares, como Mario Andreazza, comentam que havia mais bandeiras vermelhas do que a bandeira verde amarela do Brasil, insinuando que Tancredo recebia apoio dos comunistas. Tancredo, para desmentir essa visão, participa de uma festa religiosa, o Círio de Nazaré, em Belém, para mostrar a sua identificação com o catolicismo.

Nesse período, ele já não estava bem de saúde, como observa o jornalista Ricardo Kotscho. Ele perguntou para o Tancredo como ele tinha forças para aguentar a campanha eleitoral exaustiva, recebendo como resposta que ele tomava vitamina P, complementando P de Poder, é o poder que move o homem.

No final da campanha, os dissidentes de esquerda negam apoio a Tancredo, dentre eles o Chico Pinto do PMDB da Bahia, que comenta: *“Esta Frente está se diretizando em função da posição de alguns setores de esquerda que preferem ficar numa postura contemplativa ou de crítica por fora ao invés de interferir por dentro”*. Os parlamentares do PT (Partido dos Trabalhadores), em um total de oito, dividem-se na atuação no Colégio Eleitoral, ou pró ou contra.

Em 15 de janeiro de 1985, membros do Colégio Eleitoral dão 480 votos a Tancredo Neves contra 130 recebidos por Paulo Maluf, 16 abstenções e nove ausentes. O povo acompanha a votação no Colégio Eleitoral pela televisão. Comemoração da vitória de Tancredo em vários lugares, inclusive na rampa do Palácio da Esplanada, com populares carregando uma enorme faixa representando a bandeira brasileira. Ao fundo Cazuza canta “Pro dia nascer feliz”, de Cazuza e Roberto Frejat, de 1985.

Na véspera da posse, 14 de março de 1985, Tancredo sente fortes dores abdominais. “Começa o calvário do homem e do país”. No dia seguinte ele estava no hospital. Aécio Neves, neto e secretário particular do presidente Tancredo, comenta que o avô estava se tratando já há alguns dias. Os médicos que o atendiam afirmam que ele poderia tomar posse e depois ser operado, mas as dores aumentam e Tancredo, na cama, assina vários atos, dizendo a Aécio: “*Isto é garantia de que não vai haver retrocesso, eu não sei o que vai acontecer comigo*”.

Na sala de operação, em que Tancredo foi operado de diverticulite, entraram vários políticos. Tancredo não toma posse e o vice-presidente, José Sarney, seu vice, assume a presidência, com várias restrições constitucionais e políticas. Sarney aparece no documentário assumindo a presidência no Congresso Nacional.

Calvário de 38 dias de Tancredo. Ele é transportado para São Paulo e é novamente operado no Instituto do Coração. O seu porta-voz Antonio Brito dá a todo o momento informações sobre seu estado de saúde. Segundo seu neto Aécio Neves os médicos de Brasília cometeram erros na primeira cirurgia, o que provocou um agravamento em seu estado de saúde.

O filme termina com a música *Tancredo, a travessia*, de Fernando Brant e Edu Krieger. Imagens da vida e da carreira política de Tancredo Neves.

Considerações finais

As reconstruções das vidas dos presidentes retratam e servem para construir imagens de lideranças políticas que vivenciaram períodos conturbados na história do Brasil. Nessa direção, cabe observar tanto o uso do recurso político do uso da morte/perda do corpo do governante, quanto os trágicos destinos de Getúlio Vargas, Juscelino, Jango e Tancredo Neves, enquanto semelhanças entre os quatro governantes.

A carreira política de João Goulart é marcada pela ocupação de cargos políticos fundamentais para projetá-lo enquanto liderança política. É uma liderança nascida na vida política brasileira, com características institucionais, mas ele também se destaca como um líder de resistência ao se confrontar com os opositores de Getúlio Vargas e a resistir e lutar para assumir a presidência da República, após a renúncia de Jânio Quadros. O maior feito de Jango foi o combate que travou com o Congresso Nacional, no período em que ocupou a presidência e no confronto que estabeleceu com a oposição ao legislar em praça pública. Porém a resistência não se prorrogou, pois, ao se deparar com o golpe militar e civil que o depôs da presidência, Goulart se retira da vida política e, apesar de todas as tentativas de retornar ao Brasil, só consegue esse feito depois de sua morte, questionada até o momento se foi natural ou assassinato.

Tancredo Neves viveu a política brasileira em vários momentos e ocupou todos os cargos políticos que envolveram pleitos eleitorais. É uma liderança de carreira, que surge como uma liderança institucional. Ele é caracterizado como conciliador, apaziguador e articulador de uma saída política dos militares do poder. Nos momentos cruciais da política brasileira, ele não se omite e apresenta resistência. Depois de uma negociação difícil, por envolver vários segmentos da sociedade brasileira, consegue ser eleito presidente da República, em 1985, pelo Colégio Eleitoral. A tragédia marcou o final da carreira política exitosa de Tancredo, que morreu antes de assumir o cargo político mais desejado por ele.

Referências

Balandier, Georges (1993). La politique a l'épreuve des images, *Cahiers Internationaux de Sociologie*, v. XCIV.

Mendes, Priscilla (2014). Perícia de restos mortais de Jango não encontrou sinal de envenenamento, diz PF. *Globo.com*, 1 dez. Recuperado em 24 de agosto de 2016, de <http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/12/laudo-de-restos-mortais-de-jango-nao-encontrou-veneno-diz-pf.html>.

Filmografia

Dossiê Jango, Paulo Henrique Fontelle, 2012.

Tancredo – a travessia, direção de Silvio Tendler, 2010.

ⁱ O artigo se insere no Projeto Temático “Lideranças Políticas no Brasil: características e questões institucionais” (nº12/50987-3) financiado pela Fapesp. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da Fapesp. Também é tema da pesquisa desenvolvida no CNPq, como PQ.

ⁱⁱ “O laudo pericial dos restos mortais do ex-presidente João Goulart não encontrou sinais de envenenamento, informou nesta segunda-feira (1º) a Polícia Federal. O resultado foi apresentado pela PF e pela ministra Ideli Salvatti, da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. De acordo com os peritos responsáveis, apesar de não ter sido encontrado sinal de veneno, a hipótese de envenenamento não pode ser completamente negada, porque os anos passados entre a morte do ex-presidente e a perícia podem ter prejudicado os dados. Por isso, na análise da equipe de peritos, o laudo é ‘inconclusivo’ sobre a causa da morte. Os exames dos restos mortais começaram em 2013, a pedido da Comissão Nacional da Verdade. Jango, exilado da ditadura militar, morreu na Argentina, em 1976. A causa oficial da morte foi infarto. Para a família, ele teria sido assassinado em uma ação da Operação Condor, aliança entre as ditaduras militares da América do Sul nos anos 1970 para perseguir opositores dos regimes. A suspeita levantada era de envenenamento por cápsula colocada no frasco de medicamentos que ele tomava para combater problemas no coração” (Mendes, 2014).

ⁱⁱⁱ Após o golpe militar, as eleições presidenciais eram indiretas, ou seja, os presidentes eram eleitos via Colégio Eleitoral, composto pelos políticos que compunham o Congresso Nacional. As eleições diretas para presidente da República, só foram retomadas em 1989.